

Homilia do Papa Leão XIV na Epifania e encerramento do Jubileu

Compartilhamos a homilia da missa de 6 de janeiro. Ao término da cerimônia, o Papa fechou a Porta Santa da Basílica de São Pedro, encerrando o Ano Jubilar.

06/01/2026

**SOLENIDADE DA EPIFANIA DO
SENHOR –**

ENCERRAMENTO DA PORTA SANTA E SANTA MISSA

HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV

Basílica de São Pedro

Terça-feira, 6 de janeiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

O Evangelho (cf. Mt 2, 1-12) nos descreve a grande alegria dos Magos ao reverem a estrela (cf. v. 10), mas também a perturbação sentida por Herodes e por toda a cidade de Jerusalém diante de sua busca (cf. v. 3). Sempre que se trata das manifestações de Deus, a Sagrada Escritura não esconde esse tipo de contraste: alegria e perturbação, resistência e obediência, medo e desejo. Celebramos hoje a Epifania do Senhor, conscientes de que, em sua presença, nada permanece como antes. Este é o início da esperança.

Deus se revela e nada pode permanecer imóvel. Termina uma certa tranquilidade, aquela que leva os melancólicos a repetir: "Não há nada de novo debaixo do Sol" (Ecl 1, 9). Começa algo do qual dependem o presente e o futuro, como anuncia o Profeta: "Levanta-te, acende as luzes, Jerusalém, porque chegou a tua luz, apareceu sobre ti a glória do Senhor" (Is 60, 1).

É surpreendente que seja perturbada precisamente Jerusalém, cidade palco de tantos novos começos. Dentro dela, exatamente aqueles que estudam as Escrituras e pensam ter todas as respostas dão a impressão de ter perdido a capacidade de formular perguntas e cultivar desejos. A cidade se assusta com aqueles que vêm de longe, movidos pela esperança, a ponto de pressentir uma ameaça naquilo que deveria lhe trazer muita alegria. Essa reação

interpela também a todos nós, como Igreja.

A Porta Santa desta Basílica, que hoje foi fechada, recebeu o fluxo de inúmeros homens e mulheres, peregrinos de esperança, a caminho da Cidade cujas portas estão sempre abertas: a Nova Jerusalém (cf. Ap 21, 25). Quem eram eles e o que os motivava? No final do Ano Jubilar, a busca espiritual de nossos contemporâneos nos questiona com particular seriedade, muito mais rica do que talvez possamos compreender. Milhões deles atravessaram a soleira da Igreja. E o que encontraram? Que corações, que atenção, que acolhimento encontraram? Sim, os Magos ainda existem. São pessoas que aceitam o desafio de arriscar sua própria jornada, que, num mundo conturbado como o nosso — sob muitos aspectos, repulsivo e perigoso

—, sentem a necessidade de partir, de procurar.

Homo viator, assim diziam os antigos. Somos vidas a caminho. O Evangelho compromete a Igreja a não ter medo desse dinamismo, mas a apreciá-lo e a orientá-lo para o Deus que o suscita. É um Deus que pode nos perturbar, porque não está imóvel em nossas mãos como os ídolos de prata e ouro: pelo contrário, é vivo e vivificante, como aquele Menino que Maria acolheu em seus braços e que os Magos adoraram. Os lugares santos, como as catedrais, as basílicas, os santuários, que se tornaram destinos de peregrinação jubilar, devem difundir o perfume da vida, a impressão indelével de que um outro mundo começou.

Perguntemo-nos: há vida em nossa Igreja? Há espaço para o que está nascendo? Amamos e anunciamos

um Deus que nos põe novamente a caminho?

No relato, Herodes teme pelo seu trono, e se agita com o que sente fugir ao seu controle. Ele tenta se aproveitar do desejo dos Magos e desviar a busca deles em seu benefício. Ele está pronto para mentir, disposto a tudo; de fato, o medo cega. Em contrapartida, a alegria do Evangelho nos liberta, nos torna prudentes, sim, mas também audazes, atentos e criativos; sugere estradas diferentes daquelas já percorridas.

Os Magos trazem a Jerusalém uma pergunta simples e essencial: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?” (*Mt* 2, 2). Como é importante que quem atravessa a porta da Igreja sinta que o Messias acaba de nascer ali, que uma comunidade se reúne ali com a esperança renovada e que uma

história de vida está acontecendo! O Jubileu veio para nos lembrar que é possível recomeçar, ou melhor, que estamos ainda no início, que o Senhor deseja crescer no meio de nós, deseja ser o Deus-conosco. Sim, Deus põe em questão a ordem existente: tem sonhos que ainda hoje inspira nos seus profetas; está determinado a nos resgatar de antigas e novas escravidões; envolve jovens e idosos, pobres e ricos, homens e mulheres, santos e pecadores nas suas obras de misericórdia, nas maravilhas da sua justiça. Não faz barulho, mas o seu Reino já está germinando em todo o mundo.

Quantas epifanias nos são concedidas ou estão prestes a ser concedidas! No entanto, elas devem ser desviadas das intenções de Herodes, dos medos sempre prontos para se transformarem em agressão. “Desde os dias de João Batista até

agora, o Reino dos Céus sofre violência, e são os violentos que o conquistam” (*Mt 11, 12*). Esta misteriosa expressão de Jesus, relatada no Evangelho de Mateus, não pode deixar de nos fazer pensar nos numerosos conflitos com os quais os homens podem resistir e até mesmo atingir o Novo que Deus reserva para todos. Amar a paz e procurá-la significa proteger o que é santo e, por isso mesmo, nascente: pequeno, delicado, frágil como uma criança. À nossa volta, uma economia distorcida tenta se aproveitar de tudo. Vemos isso: o mercado transforma até mesmo a sede humana de procurar, viajar e recomeçar em negócios.

Perguntemos-nos: o Jubileu nos ensinou a fugir desse tipo de eficiência que reduz tudo a um produto e o ser humano a um consumidor? Depois deste ano, estaremos mais capacitados para reconhecer no visitante um

peregrino, no desconhecido um buscador, no distante um vizinho, no diferente um companheiro de viagem?

O modo como Jesus encontrou a todos e deixou que todos se aproximassem d'Ele nos ensina a valorizar o segredo dos corações que só Ele sabe ler. Com Ele, aprendemos a interpretar os sinais dos tempos (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 4). Ninguém pode nos vender isto. O Menino que os Magos adoram é um Bem sem preço, nem medida. É a Epifania da gratuidade. Não nos aguarda em lugares prestigiados, mas nas realidades humildes. “E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades da Judeia” (*Mt 2, 6*). Quantas cidades, quantas comunidades precisam ouvir: “De modo nenhum és a menor”. Sim, o Senhor continua nos surpreendendo! Ele se deixa

encontrar. Os nossos caminhos não são os seus caminhos, que nem os violentos conseguem dominar, nem os poderes do mundo podem obstruir. Daí a grande alegria dos Magos, que deixam para trás o palácio e o templo e partem para Belém: voltam então a ver a estrela!

Por isso, queridos irmãos e irmãs, é bom sermos peregrinos da esperança. E é bom continuar a sê-lo, juntos! A fidelidade de Deus continuará a nos surpreender. Se não reduzirmos as nossas igrejas a monumentos, se as nossas comunidades forem casas, se resistirmos unidos às seduções dos poderosos, então seremos a geração da aurora. Maria, Estrela da Manhã, caminhará sempre à nossa frente! No seu Filho, contemplaremos e serviremos uma magnífica humanidade, transformada não por delírios de onipotência, mas pelo Deus que, por amor, se fez carne.

Copyright © Dicastério para a
Comunicação - Libreria Editrice
Vaticana

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/leao-xiv-na-
epifania-e-encerramento-do-
jubileu-2026/](https://opusdei.org/pt-br/article/leao-xiv-na-epifania-e-encerramento-do-jubileu-2026/) (18/01/2026)